

“Uma breve exposição sobre o emprego das palavras *caldas, cidade termal, cidades balneárias e estâncias hidrominerais* para os estudos urbanos brasileiros”

JUSSARA MARQUES OLIVEIRA MARRICHI*

Os acontecimentos históricos não são possíveis sem atos de linguagem, e as experiências que adquirimos a partir deles não podem ser transmitidas pela linguagem. Mas nem os acontecimentos nem as experiências se reduzem à sua articulação lingüística. Pois em cada acontecimento entram numerosos fatores que nada têm a ver com a linguagem, e existem estratos da experiência que se subtraem a toda comprovação lingüística. Sem dúvida, para serem eficazes, quase todos os elementos extralingüísticos dos acontecimentos, os dados naturais e materiais, as instituições e os modos de comportamento, dependem da mediação da linguagem. Mas não se restringem a ela. As estruturas pré-lingüísticas e a comunicação lingüística, graças à qual os acontecimentos existem, permanecem entrelaçados, embora jamais coincidam inteiramente. (KOSELLECK, 2006:267).

A proposta que eu quero levantar neste trabalho diz respeito a uma inquietação surgida, mas não aprofundada em minha dissertação de mestrado: a da relação entre as várias denominações dadas às cidades que nasceram ou foram fundadas a partir da experiência do homem com o meio natural, mais especificamente a partir de suas experiências com as águas consideradas medicinais entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX. Chamadas de *estâncias* ou *cidades hidrominerais*, *cidades balneárias* ou *cidade das águas*, *cidade termal* ou *cidade de cura* esses lugares têm sido tratados, ainda que lentamente nos cursos de pós-graduação desse país, como se todo esse aparato lingüístico definisse para esses diversos lugares um único tipo de categoria onde pudessem ser incluídas as mesmas experiências humanas deles resultantes. É como se o espaço da experiência e da expectativa deixasse de ser pensado dentro de um determinado processo histórico. Em poucas palavras, é como se escrevêssemos todas as histórias sobre essas cidades desconsiderando o seu espaço e o seu tempo frente às experiências e às expectativas humanas. Para tanto, partirei da premissa de me ocupar das “histórias do passado” (KOSELLECK, 2006:267) pensando na própria questão da historicidade das fontes históricas, ou se quisermos, dos indícios (VEYNE, 1992:12) ou vestígios (KOSELLECK, 2006:306) do passado.

* IFCH/Unicamp. Doutoranda em História, bolsista FAPESP. Esse texto refere-se a algumas passagens de meu mestrado defendido na mesma instituição em 2009 e que na época teve o apoio financeiro da CAPES.

A produção acadêmica sobre as cidades que foram chamadas de estâncias hidrominerais ou balneárias no Brasil é ainda muito recente.¹ Normalmente esses estudos voltam-se prioritariamente para as questões ligadas ao campo da arquitetura e do urbanismo pensando a cidade em seus aspectos físicos e sociais, ou seja, em processos que envolveram a análise de planos e intervenções urbanísticas realizados na primeira metade do século passado. Ainda que estes estudos tenham se apoiado em interpretações historiográficas para compreender a temática dessas cidades na história, faz-se importante colocar que as discussões levantadas baseiam sua interpretação “em uma análise econômica, política e social determinada”.² Neste sentido, ao se elegerem determinados termos para designar essas cidades que tiveram a ocupação e a transformação de seu espaço urbano modificado diante do imaginário de suas águas e ainda que esta definição designe o *conceito e a categoria histórica*, minha inquietação torna-se mais freqüente ao querer estabelecer “a diferença nas maneiras de usá-lo.” (KOSELLECK, 2006:306).

Se atentarmos para o que diz Paul Veyne sobre os conceitos em história, veremos que um conceito histórico permite “designar um evento como sendo uma revolução; isto não significa que, empregando esse conceito, saibamos o que é uma revolução” (VEYNE, 1992:68). Pois, segundo o autor, os conceitos em história são resumos de tramas compreensíveis. E trama na ótica desse historiador refere-se a uma “mistura muito humana e muito pouco “científica” de causas materiais, de fins e acasos” (VEYNE, 1992:28). Ela é um corte transversal “dos diferentes ritmos temporais” (VEYNE, 1992:28) pois pode ser narrada tantos quantos forem os itinerários traçados

¹ Algumas pesquisas acadêmicas sobre essas cidades aparecem em alguns cursos de pós-graduação no Brasil a partir do ano de 2004. Nelas, o período estudado compreende especificamente os anos de 1920 a 1946 – marco temporal enraizado na memória coletiva como o auge das cidades balneárias brasileiras. Cf: FRANCO, Amanda Cristina. **Cidades de cura, cidades de ócio** – a influência de concepções estrangeiras no urbanismo de três estâncias paulistas: Águas de Lindóia, Águas da Prata e Águas de São Pedro 1920-1940. Escola de Engenharia de São Carlos. Departamento de Arquitetura e Urbanismo, 2005; MARRAS, Stelio. **A Propósito de Águas Virtuosas**. Formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil. Belo Horizonte: UFMG, 2004; PORTO, Daniele Resende. **O Barreiro de Araxá** – projetos para uma estância hidromineral em Minas Gerais. Dissertação apresentada à Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Arquitetura e Urbanismo. São Carlos, 2005.

² Para um melhor acompanhamento dessas vertentes que delinearam os estudos sobre a questão urbana no Brasil e suas contribuições para o crescimento dos estudos sobre as cidades nos cursos de pós-graduação, sugiro a leitura do artigo: CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira; CERASOLI, Josianne Francia. A cidade como história. In: História: **Questões & Debates**, Curitiba, n.50. p. 61-101. Jan/Jun/2009. Editora:UFPR.

pelos historiadores. Nesse sentido o autor salienta que a função do historiador é a de fazer compreender as tramas, que são humanas e terão resultados humanos. Isso significa dizer que uma trama “emana de uma narração suficientemente documentada” (VEYNE, 1992:53) pelo historiador, e que o uso dos conceitos históricos, por mais que eles sejam o ponto dos progressos da historiografia, deve ser empregado pensando no momento em que eles foram criados ou organizados. Isto equivale a dizer que, o que o nosso senso comum designa atualmente como sendo uma cidade balneária ou uma cidade hidromineral não tem ou não faz o mesmo sentido para as pessoas que as procuravam ou as freqüentavam entre o final do XIX e a primeira década do século passado. Para Paul Veyne, o perigo mais dissimulado na compreensão da história é aquele das palavras, “que suscitam em nosso espírito falsas essências e que povoam a história de universais inexistentes” (VEYNE, 1992:68). O autor exemplifica dizendo que a caridade cristã, a assistência dos modernos e a previdência social não beneficiam as mesmas categorias de pessoas, assim como não socorrem as mesmas necessidades, “não possuem as mesmas instituições, não se explicam pelos mesmos motivos e nem se cobrem das mesmas justificativas” (VEYNE, 1992:68). Assim, por analogia podemos dizer que *caldas*, *cidade termal*, *estâncias hidrominerais*, *idades balneárias* e *balneário* também não beneficiaram as mesmas categorias de pessoas e também não supriram as mesmas necessidades ou expectativas de quem as procuravam. Por esse motivo, faz-se importante observar a utilização desses fatores lingüísticos na hora de narrar ou reproduzir uma história passada, mesmo que o conceito *cidade balneária* predomine como uma categoria histórica generalizante. Nesse sentido, a minha proposta é estabelecer nesse diálogo a relação entre a linguagem das fontes históricas e a própria história, pensando como ao longo dos diferentes ritmos temporais, criaram-se categorias que foram mudando fisicamente e sensivelmente na ordem das palavras, a fim de definir um modelo específico de cidades que foram pensadas e construídas a partir das expectativas e experiências humanas diante de uma água considerada medicinal. Assim, parece-me muito apropriada a colocação do historiador Reinhart Koselleck ao dizer que “quando se analisam conceitos passados cujos termos ainda poderiam ser os nossos, podemos ter uma idéia das esperanças e anseios, das angústias e sofrimentos dos contemporâneos de então” (KOSELLECK, 2006: 268). Atentando para o perigo das palavras assim como fez Paul Veyne, Koselleck pontua em seus estudos uma distinção

entre palavras e conceitos: “uma palavra torna-se um conceito quando a plenitude de um contexto político-social de significado e experiência no e para o qual uma palavra é usada pode ser nela condensado” (KOSELLECK, apud FERES, 2006:24). O que nos leva a entender que “conceitos são o concentrado de inúmeros significados substanciais” (KOSELLECK, apud FERES, 2006:24). Nesse sentido, a proposta do historiador, refere-se então ao trabalho de *avaliar o espaço da experiência e da expectativa passadas* de maneira em que esse espaço possa “ser apreendido conceitualmente dentro da economia lingüística do passado” (KOSELLECK, 2006:268) atentando efetivamente no modo como ele foi articulado na linguagem das fontes. Tentarei então percorrer este caminho pensando nas permanências e mudanças dos atos de fala³ que deram vida à experiência desses lugares em nosso país. Sem pretender estabelecer um conceito histórico sobre essas cidades, minha preocupação é a de estabelecer a diferença na maneira de utilizar essas denominações pensando na própria constituição desses espaços e nas experiências humanas deles decorrentes.

No tempo das caldas e das águas minerais

O rosto toma uma cor roxa ou azulada; frequentemente o tecido celular da testa e do rosto principia a ficar mais espesso; a pelle engrossa e adquire uma cor de cobre. O nariz faz-se mais volumoso e muda de cor; as orelhas tornam-se mais espessas, as pálpebras incham, os olhos ficam humidados (...) Os beiços augmentam de volume; o hálito é fétido, a voz rouca. Ao mesmo tempo os doentes tornam-se sorumbáticos; tem vergonha e horror de si mesmos, perdem a actividade e as forças. (...) Estes tubérculos, que variam desde o tamanho de uma ervilha até ao de uma noz e mais, são de duas espécies (...) As mãos dos doentes tem um carácter particular; são em geral gordas, molles e rugosas; ás vezes toda a pelle tem um aspecto luzidio, como se estivesse coberta de azeite (...) Os dedos curvam-se, as unhas

³ A teoria dos atos de fala advinda da filosofia da linguagem faz parte do projeto metodológico de Quentin Skinner. Este autor é considerado o maior expoente da teoria collingwoodiana conhecida num primeiro momento como Escola de Cambridge. Para ele, a compreensão de um proferimento “requer o conhecimento da intenção do autor ao proferir tal ou qual ato de fala. Devemos perguntar, portanto, não somente pelo significado do enunciado propriamente dito, mas também pela força que se agrega ao significado desse enunciado e que revela o que o agente poderia estar fazendo ao (doing in) proferir aquele enunciado. (Skinner, 1969, PP.45-46)” apud JASMIN, Marcelo Gantus; JÚNIOR, João Feres. **História dos conceitos:** debates e perspectivas. Rio de Janeiro: Ed.Puc/Rio. Edições Loyola: IUPERJ, 2006. p. 16

cahem. Os doentes n'esta época cahem n'um abatimento e desespero profundo; perdem as forças e emagrecem (CHERNOVIZ, 1842: 449-450).

Caldas, palavra portuguesa derivada da palavra latina *calidus*, que significa águas quentes.

Em 1712 quando o padre Dr. Raphael Bluteau redigiu o *Vocabulário Portuguez Latino*, ele denominou caldas como sendo fontes de águas quentes onde se tomavam banhos destas águas. A referência vinha de Portugal, mais especificamente de Caldas da Rainha, lugar caracterizado pelo padre, de vila e hospital. A vila havia sido construída graças ao pedido da rainha D. Leonor ao rei Dom Manoel, que ergueu ali uma povoação para trinta moradores. Já o hospital, significava alguma coisa tida como um sentimento de gratidão dessa rainha às fontes termais, de onde ela teria se curado de uma doença no seio após vários banhos de imersão.

No *Diccionario de Língua Portugueza* de 1813 o vocábulo é inexistente, porém, encontramos a referência *thèrma*: substantivo feminino definido como casa de banho de água quente e o adjetivo *thermal*: relacionado a águas termais, quentes naturalmente, de que se usa para banhos medicinais. Caldas só aparecerá novamente em 1842 no *Diccionario de Medicina Popular* seguido dos nomes Poços de Caldas e Caldas Novas. No primeiro caso, segue-se uma breve exposição desse lugar descrevendo alguns dados dessa povoação. Apontamentos sobre a distância em relação ao Rio de Janeiro, sobre a paisagem física, nome e descrição físico-química das principais fontes e quantidade de banhos calculados por dia aliados à elevação e salubridade do lugar já demonstravam um estudo mais aprofundado do que aquela breve definição citada inicialmente em 1712. As Caldas já começavam a ser documentadas em oposição àquela simples definição de águas quentes. Algumas características associadas ao lugar onde se encontravam essas fontes traziam outros significados ou qualidades, se assim podemos pensar, ao vocábulo inicial.

Em Caldas Novas, Chernoviz faz referência ao aproveitamento de treze fontes para banhos e às suas altas temperaturas, bem como à citação da análise das águas feita pelo Dr. Faivre em 1842. Mas, o que mais chama a atenção ao incremento dessa qualificação é com certeza a própria indicação dessa água que aparece especificada para determinadas doenças, entre elas: a *morphéia*, *darthos*, *reumatismos crônicos*, *úlceras antigas*, *escrophulas*, *afecções crônicas do peito*, *ankyloses incompletas e paralisias*.

Sua característica mais destacada passa a ser o seu uso medicinal, ampliando o seu espaço de experiência e o seu horizonte de expectativa diante do valor atribuído a essas águas pelos homens de então. Essa experiência do uso medicinal, tomada como acontecimentos que foram sendo incorporados à palavra caldas, reverberou-se em ações racionais, como no primeiro número da Revista Médica Fluminense em que se fez menção ao público sobre as “interessantíssimas caldas” (1839:49), (...) “numa breve notícia destas miraculosas agoas dada pelo Sr. Padre Valério, de S. Paulo, por onde se podia fazer huma idea clara das suas preciosas virtudes medicas” (Revista Médica Fluminense, 1839:49). Análise racional de uma publicação que fazia parte do trabalho encomendado pelo governo da província de Goiás ao italiano Vicente Moretti Foggia no intuito de analisar e examinar quimicamente as propriedades medicamentosas das caldas de Santa Cruz. Assim, o vocábulo caldas ao sair dos dicionários e manuais de medicina dirigidos ao público leigo entre o final do século XVIII e os primeiros anos do século XIX gerou expectativas ao desembocar nos periódicos médicos do XIX que tentavam aumentar a popularidade da medicina acadêmica em nosso país.⁴ Visão receptiva de um ato de linguagem que foi se impondo lado a lado com a curiosidade daqueles doentes num determinado tempo e espaço histórico. Mesmo qualificando as fontes e as descrições físicas de seu entorno de uma maneira geral, a palavra caldas só ganharia algum sentido “humano” e “científico” a partir das experiências de cura realizadas naquele lugar.⁵ No entanto, para entendermos a constituição desse lugar onde se localizavam as caldas, (agora no sentido ampliado desse termo) e prosseguirmos para outras evidências lingüísticas que nos mostrem as diferenças físicas e emocionais nas maneiras de nomear esses lugares, proponho pensarmos na própria circulação desses corpos e na maneira como a sua disposição nesses espaços possibilitou um novo campo teórico diante das experiências e expectativas desses sujeitos.

⁴ Cf. FERREIRA, Luiz Otávio. Medicina impopular. Ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). In: CHALHOUB, Sidney (org). **Artes e Ofícios de curar no Brasil**. Capítulos de História Social. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

⁵ “Silvério Custódio dos Santos, do Arraial do Carmo de Minas Geraes, morphetico com fistulas, e caries, que lhe mutilou alguns dedos, uma grande chaga em uma perna, feita pelo fogo que a queimou sem que sentisse. Esta enfermidade, que por 14 annos foi rebelde, cedeu em parte com o uso destas águas continuado por 11 meses. A sensibilidade em parte é restituída; as fistulas, e a chaga cicatriza; e presentemente não lhe restam senão algumas manchas ao defeito da cútis”. In: Revista Medica Fluminense. N° 9, Anno 5°, Dezembro de 1839. p, 397.

Ora, passados alguns anos as caldas já atraíam milhares de pessoas que acreditavam na eficácia de suas águas. Aqui podemos citar tanto pessoas leigas como os médicos que as estudavam. A partir de meados do século XIX, esse interesse despertado pela cura de doentes possibilitou a ocorrência de numerosos estudos científicos sobre essas águas. Os médicos, ao invés de se utilizarem do vocábulo caldas, abrangem seus estudos para *as águas minerais brasileiras*. Expressão de um novo tempo, afinal, as águas minerais brasileiras começariam nesse momento a ser comparadas às águas minerais européias. Mais do que uma simples comparação físico-química de suas propriedades curativas, essa expressão significava naquele momento, um aumento ainda maior do campo de expectativa desses médicos (e futuramente dessas pessoas), afinal, nossas águas minerais poderiam se transformar em um “fundo precioso de interesse e prosperidade, enriquecendo e civilizandando as estéreis villas dos primeiros, como são as Caldas da Rainha, Gerez, Vichy, SPA, Forges” (CASTRO, 1841:04). Agora, conceitualmente denominadas de águas minerais⁶, elas poderiam ser reconhecidas e analisadas a partir da posição topográfica de suas fontes, da natureza de seu terreno e de sua vegetação. Mitigadas de uma influência para a fortuna pública e a prosperidade do país, o seu horizonte de expectativa seguia ampliando-se tanto pelas vantagens à saúde da população quanto “pelos empregos industriais e econômicos que podem ter as águas minerais” (CAMINHOÁ, 1890: 08). Nesse sentido, a expressão águas minerais carregava consigo um lastro de conseqüências resultantes de algumas práticas sociais e de seus significados operados na ordem do dia em relação às ações que lhes atribuíam outros sentidos. Por exemplo, se no espaço das caldas, os indícios históricos nos mostram um tipo específico de pessoas que as procuravam⁷, num momento em que o único desejo que importava era ver a ausência de feridas em seus corpos, nota-se, a partir do momento em que se utiliza a expressão águas minerais, a necessidade dessa outra designação para definir além da cura desses corpos, um projeto civilizador para esses lugares a exemplo do que já ocorria na Europa. E reafirmo aqui, o que já foi bem trabalhado em minha pesquisa de mestrado: o projeto civilizador das águas minerais

⁶ “Designa-se por este nome as que apresentam em sua composição química e mineralógica certos corpos de origem mineral que não são encontrados nas águas comuns chamadas doces” (CAMINHOÁ, 1890: 08).

⁷ Pessoas de “pelle fina e alva, cabelos louros, formas arredondadas, tez rosca, beiços grossos, cabeça volumosa, peito estreito, ventre grande e carnes moles”, além de tumores expostos nas regiões laterais do pescoço, virilhas e axilas. In: CHERNOVIZ p. 1017.

consequentemente criou espaços específicos destinados a outros tipos de pessoas e aos hábitos surgidos entre elas e o meio natural, que só faziam sentido no próprio espaço construído das águas consideradas medicinais. Portanto, falar em águas minerais nesse momento, já significava associá-las a algumas regras de higiene e a algumas considerações sobre o modo de fazer uso das mesmas. Isto já significava que para a cura ocorrer de modo mais satisfatório, não bastava apenas banhar-se em fontes de águas consideradas medicinais num determinado espaço natural em pequenos ranchos e palhoças. Era preciso mais. Precisavam-se instituir regras de higiene para esses lugares e também regras de higiene para a construção de estabelecimentos de banhos, ou termas. A expressão águas minerais definia de preferência a sua própria posição como algo que rompia com aquele tempo anterior das caldas. Afinal, a partir dos estudos de hidrologia da Academia de Medicina de Paris, fundada em 1853, um progressivo pensamento sobre esse saber advindo das águas medicinais constituiu-se em ciência entre a segunda metade do século XIX e o começo do século XX, direcionando a maneira como o tratamento pelas águas foi lido e aplicado pelos médicos daqui. Convivendo ao mesmo tempo com diversas representações mágico-religiosas da água medicinal, o estudo da hidrologia e posteriormente, o estudo da crenoterapia, tornaram-se saberes predominantes no interior de um grupo de médicos, químicos e físicos que preconizavam que esse mesmo tratamento deveria variar em função do meio natural e do tipo de cuidados aos quais seriam submetidos àqueles curistas.

A partir do final do século XIX, esses estudos falavam cada vez mais sobre uma circuncisão de hábitos⁸ que deveriam ser instituídos nos espaços onde se achavam essas águas consideradas medicinais. Apresentados pelos primeiros estudiosos da hidrologia médica, eles significavam a supressão ou o condicionamento das emoções humanas diante do poder simbólico dessas águas atrelado ao caráter científico encontrado nas prescrições que se seguiam.

⁸ “Nas águas minerais da Europa e principalmente da Alemanha, esta parte do tratamento é rigorosíssima, a ponto de haver hora certa para dormir, acordar, comer, passear, assistir aos concertos, havendo até muitas vezes a separação dos cônjuges” (CAMINHÔA, 1890:15).

No espaço das cidades e das experiências humanas

Em fins do século XIX as expectativas da classe médica haviam se organizado na forma de um discurso científico. Contudo, essa profusão de palavras não ultrapassava mais do que as diversas teses médicas que iam sendo defendidas em nosso país pela Academia Imperial de Medicina no Rio de Janeiro. O discurso estava organizado, contudo, faltava a esses espaços e a essas pessoas “todos os melhoramentos a fazer, de acordo com o que existe nas cidades similares do estrangeiro, estabelecimento de duchas, salas de inalações, etc” (MONAT, 1894:18).

A constituição de um espaço destinado a um tipo específico de pessoas era premente. Nesse momento, os curistas eram em maior número. Eram as expectativas dessas pessoas aliadas às expectativas de alguns poucos médicos que movimentavam esse saber direcionado pelas águas. Era preciso beneficiá-las, ou melhor, civilizá-las e modernizá-las, pois só assim abrir-se-ia um horizonte de expectativas para esses dois grupos de pessoas citados a pouco. Por outro lado, esse novo tempo indicava uma reivindicação qualitativa, “a de ser novo no sentido de inteiramente diferente, ou até mesmo melhor, do que o tempo anterior” (KOSELLECK, 2006: 274). Por mais, que os dois balneários existentes na cidade de Poços de Caldas (e em outras cidades do interior mineiro) cumprissem uma certa função de local apropriado para a cura, eles não significam o modelo ideal de uma cidade das águas européias, afinal, suas banheiras inauguradas em 1886 e 1893 eram feitas de cimento para as pessoas de primeira classe, e de madeira para as pessoas de segunda classe. Nesse momento, *balneário*, referia-se a um lugar específico onde se tomavam banhos de águas termais. Eles estavam localizados dentro de uma cidade que ainda não era e não podia ser considerada balneária. Portanto, na ordem física e sensível das palavras, a proposta era transformar esses lugares em *cidades de águas ou cidades termais*, a exemplo do que já acontecia na Europa. Era preciso transformar aquela paisagem em uma categoria do discurso apreensível pelas emoções, experiências e novas sensibilidades daqueles curistas. A paisagem das caldas e das águas minerais precisava ser nomeada de maneira a estabelecer um novo horizonte de expectativas para aqueles que a procuravam e para aqueles que ali investiam seus desejos de ordem política, econômica ou social.

Como nesse momento, os médicos brasileiros ainda liam os compêndios franceses sobre a hidrologia médica na França, tornou-se comum o reconhecimento das palavras *villes d'eaux, station thermales et hydrominerales e station balnéaire* para justificar ou qualificar esses lugares que por aqui ainda estavam se organizando em função de suas águas. Essas expressões traduzidas para o português como *idades das águas, estações termais e hidrominerais e estações balneárias* acabaram sendo proferidas de uma maneira aleatória por aqueles que lutavam pela construção e organização desses espaços em nosso país. No entanto, na França, *as cidades de águas* há tempos já estavam desenvolvidas e os banhos de mar também há muito já tinham caído no gosto popular. Nesse país já no início do século XX convencionou-se chamar de *station balnéaire* todas as cidades que haviam se desenvolvido à beira-mar.

A função curativa das águas salgadas alcançou o seu sucesso na França em meados do século XIX e já no final desse século, ela foi pouco a pouco perdendo essa qualidade medicinal para se associar a uma prática mundana que seria vivenciada em diversas atividades lúdicas desenvolvidas no espaço da praia, das dunas e das falésias. Com relação às *cidades termais* ou *cidades de cura* observava-se a sua localização em meio a uma topografia montanhosa e distante da orla marítima. Assim, longe do litoral, essas cidades desenvolveram-se ao redor de fontes, *griffons* e nascentes de águas, como bem, já o tinha observado Marcel Monmarché em 1902⁹.

Assim, a *cidade termal* enquanto espaço construído precisou adaptar-se à topografia existente a partir de alguns saberes especializados. Ao lugar hostil, descoberto entre vales e montanhas, dever-se-iam construir cidades modernas adequadas à paisagem natural. A qualidade do clima descrita principalmente pela altitude dessa topografia e entendida como parte do tratamento higiênico de diversas doenças tornou-se então, condição obrigatória para os diversos tipos de passeios arranjados entre os intervalos do primeiro copo de água ou então, dos banhos termais.

⁹ “Salies, dans un étroit vallon très vert, enchassé entre deux collines, offre un curieux contraste. De la gare on arrive de suite au “jardin public”. C’est la ville termale, tout neuve, d’une somptueuse banalité: un square rectangulier entourné de grands hotels, d’un casino pseudo-arabe et d’un long établissement rayé de blanc et de rouge pseudo-oriental. Un peu au-dessus sur le coteau, un hotel s’est installé au milieu d’un parc dans l’ancien château de Salies, fief des Talleyrand-Périgord... De la ville thermale on passe sans transition dans le vieux Salies aussi tassée, vieillotte, délabrée, enchevêtrée que l’autre est large, géométrique e neuve...” (MONMARCHÉ, apud TOULIER, 1984: 02).

Assim, os atos lingüísticos que foram sendo associados a esses lugares ao longo dos anos, já nas primeiras décadas do século XX, indicavam “novas experiências que jamais haviam sido experimentadas dessa maneira” (KOSELLECK, 2006: 274) nas cidades brasileiras. As *cidades termais* representavam um novo tipo de experiência com o próprio corpo e também com as próprias emoções que seriam condicionadas a um espaço e a um tratamento específico surgido das águas. O propósito era a cura, fosse a cura do corpo, da alma, ou do espírito, tão em voga naquele período.

As possibilidades imaginadas surgidas do uso lingüístico dessas palavras com certeza conferiram uma dimensão do novo àquela época. Pensando na remodelação urbana desse tipo específico de cidades e na apropriação e construção desses espaços que surgiram reinterpretados por uma simbologia do passado; veremos que o que se tornou comum na construção dos diferentes tipos de cidades que hoje denominamos *hidrominerais* foi acima de tudo e, sobretudo, a ocupação de espaços com vegetação nativa, locais inóspitos e considerados insalubres pelos médicos que reclamavam conforto e higiene para o tratamento dos curistas. Foi, portanto, do difícil acesso a esses locais, permeados de lendas diabólicas, que a água termal generalizou espaços particulares (balneários e hotéis) e organizações originais (buvettes) configurando-se como um importante processo civilizador responsável pela construção das *cidades termais* e também, como importante processo civilizador dentro de um grupo muito específico da sociedade brasileira. Assim, a *cidade termal* reconhecida como *cidade de cura* possibilitou a invenção de novos hábitos que se viram moldados em uma *natureza teatralizada* que se dividia entre a criação de espaços funcionais/hierarquizados materializados basicamente na concepção de vias, praças e jardins e também na construção de alguns espaços privados, como nas salas de espera e nas cabines de banho individuais, caminho indispensável para a prática da cura termal e para a afirmação de alguns signos específicos do prestígio social.

Não havia nesse momento em que se discutia a construção de um espaço destinado ao tratamento de doenças, uma discussão direcionada por parte desses médicos a fazer desses mesmos locais, espaços de lazer ou espaços de ócio. É claro que determinados locais que hoje se apresentam aos nossos olhos com essa intenção tiveram grande importância na estrutura daquela sociedade que aparecia, mas que naquele momento não podiam ser desvinculados ou descontextualizados do pensamento

terapêutico pelas águas entre o final do século XIX e início do século XX. Assim, hotéis, cassinos, balneários e praças eram locais imprescindíveis à prática da cura até o início dos anos de 1930 no Brasil. Sendo assim, diante dos vestígios do passado pesquisados, posso dizer que foram construídos primeiramente e unicamente para esse fim.

Somente no início dos anos de 1931 em nosso país, a expressão *cidade balneária*, agora já na ordem do discurso de um novo tempo da medicina pelas águas (a crenologia), prestes a materializar-se enquanto espaço urbano propriamente dito constitui-se como categoria fundamental tanto para a vida social quanto para dimensões pessoais de cunho afetivo, sensual e libidinoso para homens e mulheres que viviam uma época de grandes mudanças significativas no campo econômico e cultural trazidas, sobretudo, pelo crescimento das cidades. A *cidade balneária*, ou, a *cidade de vilegiatura*¹⁰, implantada também a partir dos modelos europeus de cidades hidrominerais, dá início a um contexto histórico onde, novos padrões corporais, agora pensados fora do ambiente familiar, passam a ser associados a uma vida moderna, e onde “novos” corpos passariam a circular nos espaços modificados pelo conhecimento trazido pelas águas minerais.

No âmbito dessa nova experiência que começava a se impor na ordem física e sensível das palavras, veremos uma outra modificação no cotidiano das pessoas que procuravam uma *cidade balneária*. A cura para a “boa sociedade brasileira” já se tornava um simples pretexto para o desfrute de um local que foi se modificando a partir das histórias das pessoas que o freqüentavam, seja desde o início, quando se denominou apenas *caldas*, ou no momento em que foi chamado de *cidade termal* ou *estância hidromineral*. Os corpos estropiados, belos ou sãos que circularam nesses espaços entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX foram a principal causa da criação desses atos lingüísticos que conferiam sentido às experiências e expectativas humanas dentro desse período da história urbana de nosso país. Ou, que pelo menos, tornaram-se uma chave explicativa interessante para se entender a constituição desses lugares. História essa, repleta de universais na ordem das palavras, mas que não deve ser dissociada de seus componentes espaciais e temporais seja na hora de se trabalhar

¹⁰ Vilegiatura significava uma viagem até um local previamente determinado e único, durante uma temporada. Baseava-se mais no repouso do que no movimento impresso pela viagem. Foi uma prática social distintiva, de que só uma classe abastada podia dispor. Cf: QUINTELA, 2004.

com um conceito histórico, ou com um conjunto de experiências condensadas em uma única palavra ou expressão histórica para o entendimento dessas cidades em nosso país.

No tempo das estâncias hidrominerais e do espaço urbano desses lugares

Oficialmente o termo *estância hidromineral* aparece como inaugurador do primeiro espaço urbano dito *balneário* remodelado no Brasil cuja finalidade deveria ser o tratamento terapêutico por águas consideradas medicinais.

Mais precisamente no ano de 1931, com expressiva capa propagandística na Revista de Hydrologia e Climatologia Medicas, faz-se oficial a inauguração do primeiro espaço considerado balneário no Brasil, localizado na cidade de Poços de Caldas, na divisa entre os estados de Minas Gerais e São Paulo. “Uma estância modelar que agora se rivaliza com as mais bem installadas da Europa. O melhor hotel da America do Sul. Empreendimento ousado e uma obra grandiosa realizada pelo Governo de Minas” (Revista de Hydrologia e Climatologia Médicas, 1931), apresentava Poços de Caldas como uma *Estação hidro-mineral e de repouso a 1.200 metros de altitude, provida de águas alcalino-sulfurosas hipertermiais a 45°*. A manchete, no entanto, equivalia à um fim vitorioso de pelo menos, noventa e dois anos de estudos e tratados científicos a respeito da aplicação de águas quentes no organismo humano como forma de tratamento medicinal. Não espanta, porém, o fato da inauguração deste espaço urbano ter aparecido inicialmente, nas primeiras páginas de uma revista médica científica, fundada em 1922, e destinada a estudar e propagar a ação química de águas quentes e frias (e a ação química e física do clima brasileiro) nos corpos humanos. De maneira que três eram os estabelecimentos termiais apresentados, e as *Thermas Antonio Carlos* destacavam-se pela amplitude de banhos e terapias médicas fundamentas e legitimadas por um abundante discurso médico que se iniciara em meados do século XIX em nosso país.¹¹

¹¹ Hidrologia Médica - saber médico que se utilizava do estudo e aplicação de águas consideradas medicinais no organismo humano como forma de medicamento. Foi instituído no mundo ocidental pela Academia de Medicina de Paris, fundada em 1853. Tinha à sua frente dois nomes que se consagraram na aplicação das águas medicinais: Michel Bertrand e Max Durand-Fardel, médicos que publicaram os primeiros manuais de hidrologia e estações balneárias na Europa. É, portanto, a partir de meados do século XIX que a Hidrologia Médica passa a ser ensinada na Faculdade de Medicina de Paris, servindo de modelo a outras sociedades balneoterápicas que existiam dentro da maior parte das capitais européias. Cf: Parte II – As águas escondem tantos mistérios! **2.3 O Termalismo Científico**. In: MARRICHI, Jussara Marques Oliveira. A cidade termal: ciência das águas e sociabilidade moderna entre 1839 a 1931. Dissertação de mestrado apresentada ao curso de pós-graduação em História na área de Política, Memória e Cidade pelo IFCH/Unicamp.

De acordo com a propaganda, o retrato dessa cidade era, portanto, polarizado nas virtudes médicas de águas consideradas medicinais e nos luxuosos hotéis, cassinos e parques que haviam sido construídos principalmente a partir das orientações médicas do saber termal.

É importante colocar que no início dos anos trinta, os esportes como o golfe e o tênis, complementavam a estratégia emocional desse discurso que via na remodelação urbana de Poços de Caldas e na construção do primeiro estabelecimento termal¹² do país, indícios de uma cidade que se tornara civilizada a partir de um único elemento natural: a água termal. Em direção oposta ao projeto civilizador de uma “cidade da cura” veio juntar-se o projeto civilizador de uma “cidade de repouso e de vilegiatura” logo no início dos anos trinta em solo brasileiro. Ao espaço físico anteriormente modificado diante dos saberes termais reconstruiu-se um outro espaço urbano estruturado em novos estabelecimentos de banhos e lugares destinados aos lazeres e às diversões. A remodelação projetada para Poços de Caldas fazia parte de um programa do governo mineiro em que figuravam *os melhoramentos destinados às estâncias hidrominerais e termais*, garantindo-lhes estratégias de construção da sua paisagem balneária. *A materialidade da vida em sociedade*, vivenciada e posta em evidência na antiga cidade termal dos anos vinte e as recentes descobertas e estratégias da hidrologia médica (agora denominada *crenologia*), sabiam que para permanecer “na moda”, ou, realmente colocar-se em evidência diante de novas *sensibilidades*¹³ de curistas e veranistas da época, fazia-se necessário articular um novo sistema de *regras e*

¹² Na linguagem médica de meados do século XIX à primeira metade do século XX, um estabelecimento termal significava um grande espaço construído onde curistas e veranistas poderiam usufruir de vários tratamentos corporais realizados a partir da água termal. Isto significava que ele não se limitava somente aos banhos de imersão com este tipo de água, mas de outros tratamentos como: inalação dos vapores que saíam da água sulfurosa, tratamentos de embelezamento para o rosto e para o corpo, massagens corporais, prática de exercícios físicos mecânicos para robustecer o organismo e as pessoas, tornando-as mais “belas e saudáveis”.

¹³ No final do século XIX, novas atividades como temporadas alternadas na cidade e no campo e a prática de exercícios para o corpo e para o espírito surgem como tentativas *emancipadoras* de comportamentos considerados até então, *convencionais*. De acordo com Michelle Perrot, é a partir do século XIX na Europa, que por toda a parte ocorrerá “um forte aflorar do indivíduo nas idéias e nos costumes”, independentemente do meio social ou do lugar em que se vive. Desejos como: “dormir sozinho, ler tranquilamente seu livro ou seu jornal, vestir-se como bem entender, ir e vir à vontade, consumir livremente, freqüentar e amar quem se deseja...” aparecerão como novas sensibilidades humanas nesse período, em que o indivíduo se afirmará “como valor político, científico e sobretudo existencial” (PERROT, 1991).

*coerções*¹⁴, promovendo este lugar de acordo com as últimas novidades das cidades hidrominerais européias, de onde Vichy¹⁵ era símbolo principal. A antiga cidade da cura deveria então, transformar-se na tão sonhada *estância balneária com todos os seus requisitos modernos*: “numa urbs maravilhosa de atractivos e de esthetica” (MAIA, 1925:46) confirmando a sua imagem para uma “estação de repouso e de recreio”, *cidade modelo* (MAIA, 1925:46) para onde todos os anos afluiria um número maior de *forasteiros* (MAIA, 1925:46) levados quem sabe, “a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos” (FOUCAULT, 1984:4), diferentemente, apenas, daquele único sentido de cura. O novo espaço balneário convidava estes corpos a mover-se em direção a um “espaço existente, e, ao mesmo tempo, aparentemente fora da realidade” (SENNETT, 1997:77).

Esses espaços que se tornaram balneários dentro de cidades imaginadas a partir dos anos de 1930 no Brasil, tinham a função de lidar com a esperança e o medo, mas também com o desejo, a vontade e a curiosidade dos corpos que circulariam naqueles lugares onde um novo horizonte de expectativas também se inaugurava naquele momento. Médicos, curistas, veranistas e moradores locais estabeleciam com a cidade discursos em suas variadas dimensões de acordo com suas expectativas que não seriam experimentadas de maneiras iguais. A cidade poderia ser considerada “por excelência a estância hidromineral dos reumáticos” (Revista Brasileira de Fisioterapia, 1946:37) ou a

¹⁴ Desde a chegada dos primeiros livros sobre a cura pelas águas ao Brasil, em meados do século XIX, a construção das primeiras casas ou banheiras para banhos medicinais, autorizadas, financiadas e fiscalizadas por alguns médicos, entre eles, Pedro Sanches de Lemos, estiveram sujeitas a regras de condicionamento e modelação do indivíduo a modos específicos de comportamento onde a água quente ocupava papel principal. A partir dos anos trinta do século passado, a cidade balneária, longe de se limitar ao uso de águas minerais, estende as suas práticas termais ao uso e apropriação dos exercícios físicos pelos seus visitantes. Neste sentido, a prática esportiva, que havia nascido como parte daquele tratamento higiênico, que recomendava caminhar a pé ao redor das fontes e praças e também do passeio moderado a cavalo, aparece neste momento no sentido de reabilitar o equilíbrio do corpo, através de um novo ritmo de vida aliado a um regime alimentar restrito e à redes de sociabilidades consideradas modernas. Cf: **“O espaço balneário: do terapêutico ao lúdico”**, In: In: MARRICHI, Jussara Marques Oliveira, Op.cit.

¹⁵ Situada no centro da França, em Auvergne, Vichy foi edificada no fundo de um vale na margem direita do rio Allier. Em 1774 o antigo estabelecimento termal foi construído pela Duquesa de Angoulême, no entanto sua prosperidade data de 1852, época em Napoleão III entregou a um sindicato a exploração de suas águas termais. Vichy a partir de meados do século XIX torna-se a cidade balneária mais freqüentada do mundo ocidental tornando-se referência em tratamentos terapêuticos e estilos de vida que conferiam ao seu espaço balneário o título da mais moderna e civilizada cidade balneária européia. A estação das águas em Vichy começava no dia 15 de maio e estendia-se até o dia 30 de setembro. Em 1901, um ano antes da viagem científica de Pedro Sanches de Lemos, a estação das águas de Vichy recebera 82.760 curistas de acordo com LEMOS, 1903.

“estância que produz o renascimento dos fígados decadentes” (Revista Brasileira de Fisioterapia, 1946:37) ou ainda a “melhor estância de divertimento e repouso da América do Sul” (Revista Brasileira de Fisioterapia, 1946:37), pois em diferentes linguagens ela poderia ser apreendida conceitualmente em diversas experiências históricas.

Por mais que a classe médica do período estudado confirmasse “o conceito de que a estância hidro-mineral e climática, pela sua finalidade, pertence, necessariamente, ao domínio da saúde, seja como medicina curativa, seja como medicina preventiva” (ALMEIDA, 1946: 37-38) ela não estava alheia às transformações de ordem emocional que interpretavam o progresso também a partir de outras experiências que poderiam ser vividas a partir do próprio corpo. As estâncias hidrominerais deveriam antes de tudo formar um complexo terapêutico característico e deveriam ser organizadas como centros médicos obedecendo às atividades *técnico-crenológicas* e sanitárias do momento; mas também deveriam lançar o desejo do retiro e do repouso da *vilegiatura* unindo a curiosidade e a possibilidade de uma nova vida criada e recriada, descoberta e posta em evidência nos meses que compunham a vida de uma estação de águas no Brasil.

Como ato lingüístico propriamente dito, a atribuição do título *balneária* às cidades que nasceram ou foram reformuladas a partir das experiências do homem com águas consideradas medicinais em nosso país, fica vinculado à qualidade de sua água mineral diante de sua classificação no Código de Águas Minerais (Decreto-Lei 7.841 de 8 de agosto de 1945) cujas exigências encontradas no capítulo IV art.19¹⁶ passaram a regular a organização de seus espaços urbanos e também a constituição de sua vida política nos anos seguintes.

Referências bibliográficas:

ALMEIDA, Teófilo de. Tese sobre “Organização Médico-hospitalar das estâncias hidrominerais”. In: **Revista Brasileira de Fisioterapia**, 1946. Pesquisada no acervo do Instituto Cultural do Termalismo em Poços de Caldas.

BLUTEAU, Raphael. Vocabulário Portuguez Latino. A el Rey de Portugal D. João V. Ano 1712-1729. Coimbra. Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>. Pesquisado em 2008.

¹⁶ Cf: <http://www.dnpm.gov.br/conteudo.asp?IDSecao=67&IDPagina=84&IDLegislacao=3>

CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira; CERASOLI, Josianne Francia. A cidade como história. In: História: **Questões & Debates**, Curitiba, n.50. p. 61-101. Jan/Jun/2009. Editora: UFPR.

CASTRO, Antonio Maria de Miranda. Dissertação inaugural sobre “**As águas mineraes brasileiras**” e em particular as da cidade do Rio de Janeiro. These apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e sustentada em 7 de dezembro de 1841. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1841.

CAMINHOÀ, J. M. **Estudo das Águas Mineraes do Araxá**, comparada às congêneres de outras procedências, “curabilidade da tuberculose pulmonar pelas ditas águas” – usos industriais das mesmas. Rio de Janeiro: Typ. De Laemmert & C, 1890.

CHERNOVIZ, P. Dicionario Medicina Popular. 1842. Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/online/index.asp> . Pesquisado em 04/12/2010.

FERREIRA, Luiz Otávio. Medicina impopular. Ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). In: CHALHOUB, Sidney (org). **Artes e Ofícios de curar no Brasil**. Capítulos de História Social. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

JASMIN, Marcelo Gantus; JÚNIOR, João Feres. **História dos conceitos**: debates e perspectivas. Rio de Janeiro: Ed.Puc/Rio. Edições Loyola: IUPERJ, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed.PUC/Rio. 2006.

LEMOS, Pedro Sanches de. **Notas de viagem** – Na Alemanha, Na Suíça e na França. São Paulo: Escola Typográfica Salesiana, 1903.

MARRICHI, Jussara Marques Oliveira. **A cidade termal**: ciência das águas e sociabilidade moderna entre 1839 a 1931. Dissertação de mestrado apresentada ao curso de pós-graduação em História na área de Política, Memória e Cidade pelo IFCH/Unicamp em 2009.

MAIA, Carlos da (pseud.) **Uma estação em Poços de Caldas**, crônicas publicadas n’O Combate, de São Paulo em fevereiro e março de 1925. São Paulo: Instituto Anna Rosa, 1925.

MONAT, Dr. **Caxambu**. Rio de Janeiro: Luiz Macedo, 1894.

PERROT, Michelle (org). **História da Vida Privada 4** – Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Companhia das Letras, 1991.

QUINTELA, Maria Manuela. **Saberes e práticas termais**: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de São Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz). In: História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol. 11(Suplemento 1): 239-60, 2004. pesquisado em: 15/08/2007.

Revista de Hydrologia e Climatologia Medicas. Anno 1, nº1, jan-março de 1931. Suplemento da Medicamenta. Revista para médicos e pharmaceuticos. Director – proprietário Dr. Theophilo de Almeida. Anno X, número 106. Março de 1931. Pesquisada no acervo do Instituto Cultural do Termalismo em Poços de Caldas.

Revista Médica Fluminense. Nº 9, dezembro de 1839, anno 5. **Agoas thermaes (caldas) da província de Goyaz e seos maravilhosos effeitos para a cura da morphea e outras enfermidades rebeldes da pele.** Memória dirigida pelo SS. Vicente Moretti Foggia, italiano ao Exmo. Sr. Presidente de Goyaz.

SILVA, Antonio de Moraes Silva. Diccionario de Língua Portugueza. Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>. Pesquisado em 04/12/2010.

TOULIER, Bernard. **Architecture des Villes d'eaux. Station thermales et Stations balnéaires.** 1984.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história.** Brasília: UnB, 1992.